

O Mito do Homem Provedor:

Uma Reflexão Bíblica e Histórica Sobre Papéis de Gênero

Por Carlos Colect

Introdução

Muito se afirma, especialmente nos ambientes religiosos mais conservadores, que ao homem cabe a responsabilidade exclusiva da provisão financeira do lar. Essa ideia, repetida e reforçada ao longo de séculos, parece ganhar uma autoridade quase bíblica — como se estivesse claramente inscrita nas Escrituras. No entanto, um exame mais atento da Bíblia, aliado a uma análise histórica das formas familiares, revela que essa concepção é, na verdade, uma construção cultural relativamente recente.

A Mulher Virtuosa de Provérbios 31: Um Contraponto Bíblico

Se há um texto que nos desafia a repensar os papéis de gênero, especialmente no que diz respeito à provisão material, é Provérbios 31.

Como os navios mercantes, ela traz de longe as suas provisões. Antes de clarear o dia ela se levanta, prepara comida para todos os de casa e dá tarefas às suas servas. Ela avalia um campo e o compra; com o que ganha planta uma vinha. Entrega-se com vontade ao seu trabalho; seus braços são fortes e vigorosos. Administra bem o seu comércio lucrativo, e a sua lâmpada fica acesa durante a noite. (PROVÉRBIOS 31.14-18)

A chamada “mulher virtuosa” não é uma figura enclausurada no lar, limitada às funções domésticas. Ao contrário, ela é retratada como uma mulher que trabalha com as mãos, negocia, compra terras, planta vinhas, vende produtos no mercado e provê alimento para sua casa. É uma agente econômica ativa, uma gestora da vida familiar e comunitária.

Esse retrato desafia a leitura simplista e restritiva de que a mulher bíblica estaria confinada ao lar enquanto o homem seria o único responsável pelo sustento. Pelo contrário: vemos aqui uma mulher que provê — e com excelência.

O Homem Provedor: Um Ideal Vitoriano

De onde, então, vem a ideia de que o homem deve ser o único provedor financeiro? A resposta está, em grande parte, na história moderna — e não na teologia bíblica.

A partir do século XIX, especialmente no contexto da sociedade vitoriana e da Revolução Industrial, consolida-se a chamada "família burguesa". Nela, há uma divisão rígida dos papéis: o homem assume o trabalho fora de casa, nas fábricas e escritórios, enquanto a mulher é relegada ao espaço doméstico, cuidando dos filhos e da moralidade do lar.

Essa separação não reflete modelos familiares anteriores. Nas famílias camponesas dos tempos bíblicos e do século XVI d.C, por exemplo, o trabalho era compartilhado: homens, mulheres e filhos colaboravam com a produção agrícola, o artesanato e o sustento da casa. O modelo patriarcal do "provedor único" emerge como um ideal de uma classe específica — **a burguesia urbana europeia** — e depois se dissemina como norma social e religiosa, descolada de suas origens culturais. Sob essa ótica, a Bíblia passa a ser interpretada.

Um Deus Provedor: A Teologia da Confiança

A Bíblia aponta, de maneira reiterada, não para o homem, mas para Deus como o verdadeiro Provedor. Jesus, em Mateus 6.25-34, exorta seus ouvintes a não viverem ansiosos pelo que comerão ou vestirão, lembrando que "vosso Pai celestial alimenta as aves do céu", e assim também os alimentará. Ele não aponta para o pai humano como figura de provisão, mas para Deus – O PAI MAIOR.

Por isso eu lhes digo que não se preocupem com a vida diária, se terão o suficiente para comer, beber ou vestir. A vida não é mais que comida, e o corpo não é mais que roupa? ²⁶ Observem os pássaros. Eles não plantam nem colhem, nem guardam alimento em celeiros, pois seu Pai celestial os alimenta. Acaso vocês não são muito mais valiosos que os pássaros? (MATEUS 6.25,26)

Essa ênfase desloca o foco da obrigação individual para a confiança coletiva na ação providente do Criador. A provisão se torna, assim, uma dimensão espiritual partilhada — um ato de fé, responsabilidade e solidariedade entre os membros da família e da comunidade.

Parceria, Não Hierarquia: A Teologia do Lado

O texto da cosmogonia hebraica (*Bereshit – Gênesis*), diz: “Então o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu: e tomou uma das suas **costelas**, e cerrou a carne em seu lugar;” (GÊNESIS 2.21, grifo meu). Frequentemente, esse texto é interpretado como fundacional para as relações entre homem e mulher, também é alvo de leituras reducionistas. A criação da mulher a partir da costela do homem é, muitas vezes, usada para justificar submissão ou inferioridade. No entanto, a tradição midráshica judaica (*Midrash Rabbah*), especialmente na *Aggadah*, interpreta essa origem do “lado” como um símbolo de igualdade. A mulher não foi tirada da cabeça (para governar), nem dos pés (para ser pisada), mas do lado — para caminhar junto.

Sendo assim, o verso, aqui discutido, traz na palavra “costela”, especulações pertinentes para exprimir a intenção de que a Mulher, miticamente, foi criada para estar ao lado do Homem, como suporte e auxílio mútuo, pois, como diz em outro texto:

⁹ Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor paga do seu trabalho. ¹⁰ Porque, se um cair, o outro levanta o seu companheiro; mas ai do que estiver só; pois, caindo, não haverá outro que o levante. ¹¹ Também se dois dormirem juntos, eles se aquestrarão; mas um só como se aquestrará? ¹² E, se alguém quiser prevalecer contra um, os dois lhe resistirão; e o cordão de três dobras não se quebra tão depressa. (ECLESIASTES 4.9-12, grifos meus)

Retornando ao sentido linguístico, a palavra “costela”, em hebraico é “**צלע** *Tsela*” que, dentro das possibilidades semânticas, encontram-se as palavras “fracasso, fragilidade e lado”. Portanto, quando a Mulher é tirada da *Tsela* do Homem, é possível entender que a Mulher é tirada da fraqueza, fragilidade e lado do Homem. Não no sentido de que a Mulher é a fraqueza ou fragilidade, e sim na

perspectiva de que Deus viu que o Homem estava cansado, frágil e fraco, precisando de suporte para a realização do trabalho.

Essa interpretação rica revela um propósito comum: homem e mulher como parceiros na missão de ampliar o Éden, cujo significado é "lugar de prazeres", construindo juntos uma vida de plenitude e propósito. A parceria é, portanto, o modelo original — não a hierarquia.

Contudo, hoje, na sociedade, existe um discurso, uma fala, que tenta verticalizar as relações. Ou seja, os homens estão acima das mulheres, ou as mulheres têm que estar acima dos homens. É uma mentalidade vertical. Isso nos remete ao modelo mítico babilônico. Na história da Babilônia, vemos que os homens construíram uma torre. A verticalização é intentada. E, Deus, por compreender o perigo disso, mistura as línguas e gera a confusão. A torre de Babel, portanto, acaba por ser símbolo de confusão e verticalização. Isso foge do propósito original divino, se olharmos para o outro lado mítico, o gênesis da Bíblia, cujo propósito para o ser humano é horizontal. Cujas ordens são "multiplicai, espalhai-vos sobre a terra e frutificai". Isso fala de uma horizontalidade, não verticalidade.

Deus os abençoou e lhes disse: "Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra. (GÊNESIS 1:28)

Assim, a mentalidade babilônica foca nas relações que visam a posição vertical. Isso gera confusão. Portanto, se levarmos em consideração o mito do gênesis, referente a criação de Adão e Eva, - lógico que tem outras interpretações e outras histórias do gênesis - Eva é tirada do lado do homem. Desta forma, há uma horizontalidade. Não existe um homem que é acima da mulher, nem uma mulher que é acima do homem, ou que está na frente, ou que está atrás. A mulher é tirada do lado, para estarem um do lado do outro.

Esse seria um ponto importante para resgatarmos na sociedade, atualmente, e removermos a mentalidade da confusão do vertical. "Quem tem que estar acima, o homem ou a mulher?" - diz o discurso. "Ah, por um tempo o homem esteve acima da mulher, agora a mulher tem que estar acima." - afirma os ressentidos(as). Essa narrativa é confusa. Vamos olhar para as relações pelo campo horizontal e, deste modo, trazermos um plano mais divino e saudável. A consequência será uma sociedade (famílias, filhos) mais frutífera, próspera e feliz (fértil).

Exemplo no Novo Testamento: Mulheres Provedoras e Líderes

As mulheres do Novo Testamento também quebram o paradigma da passividade. Lídia, vendedora de púrpura, é uma empresária que acolhe a comunidade do primeiro século em sua casa. Priscila, junto com Áquila, é missionária e discipuladora. Febe é reconhecida por Paulo como diaconisa e benfeitora. Essas mulheres sustentam financeiramente, lideram e ensinam nas comunidades do primeiro século. Nada indica que estivessem restritas ao espaço doméstico, muito menos dependentes economicamente de figuras masculinas.

*¹ Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual é serva (**diakonon gr – diaconisa**) na igreja que está em Cencreia. ² Para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar; porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo. ³ Saudai a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, ⁴ Os quais pela minha vida expuseram as suas cabeças; o que não só eu lhes agradeço, mas também todas as igrejas dos gentios. (ROMANOS 16.1-4, grifos meus)*

Conclusão: Cooperar Para Ampliar o Éden

Revisitar essas fontes bíblicas e históricas nos permite libertar a fé de amarras culturais e promover uma teologia que reflita o verdadeiro espírito do Evangelho. Homem e mulher são chamados a cooperar, a trabalhar juntos para o sustento, o crescimento e o cuidado da família. Não há superioridade ou inferioridade, mas complementaridade. O verdadeiro provedor é Deus, e nós somos seus colaboradores.

Além disso, o sacrifício também deve ser mútuo. Quando o texto de Efésios 5 diz que o homem deve amar a esposa como Cristo amou a Igreja, entregando-se por ela, não está conferindo uma exclusividade ao homem no campo do sacrifício. Se o homem é chamado a ser como Cristo, a mulher, por sua vez, é chamada a ser como a Igreja — que, nas palavras do próprio Cristo, deve tomar sua cruz e segui-lo. Ou seja, o sacrifício é chamado para todos, dentro da analogia do texto. Ambos devem se doar, morrer para o ego, e viver para o outro, numa relação de entrega e reciprocidade.

A missão do casal é ampliar o Éden — construir juntos um espaço de prazer, vida e dignidade. Essa é a verdadeira vocação da família: não uma prisão de papéis, mas uma comunhão de propósitos e de cruz compartilhada.